

RESENHA

ASSMANN, Jan. *The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of the Pharaohs*. Tradução de Andrew Jenkins. New York: Metropolitan Books, Henry Holt and Company, 2002.

Cídio Lopes de Almeida

[sem revisão por pares]

Resumo

O texto apresenta um ensaio sobre a história do significado no Antigo Egito, distinguindo-se da história cultural ou de eventos. Explora como os egípcios construíram suas memórias e "ficções de coerência", desde a formação do estado e a divinização do faraó, expressas em monumentos como as pirâmides. A narrativa detalha as dinastias e períodos, como o Reino Antigo e os Períodos Intermediários, analisando as transformações sociais, políticas e religiosas, incluindo o conceito de justiça conectiva e a ascensão da piedade pessoal. Finalmente, o texto aborda a influência da religião e da escrita hieroglífica na manutenção da ordem e na compreensão do divino, bem como as interpretações e redescobertas da civilização egípcia ao longo da história.

Anotações acerca das ideias da obra

A obra *The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of the Pharaohs* de Jan Assmann, traduzida do alemão ao inglês por Andrew Jenkins, oferece uma análise da civilização egípcia antiga através da lente da história do significado. Assmann propõe uma abordagem que se distingue tanto da história cultural quanto da historiografia de eventos, concentrando-se nas fabricações ou ficções de coerência com as quais os próprios egípcios organizaram suas memórias e experiências. Para ele, a história é um assunto profundamente humano: nós a produzimos ao produzir significado.

A metodologia de Assmann fundamenta-se em três dimensões de evidência histórica: Vestígios. Referem-se a fatos não lembrados do passado, revelados principalmente pela arqueologia, que tem a capacidade de corrigir o registro de eventos lembrados. Mensagens. São as formas semanticamente carregadas e construídas de expressão, como imagens e inscrições, que representam eventos politicamente significativos da época em que foram criadas. Elas refletem os significados que os contemporâneos investiram nos acontecimentos. Memórias. Correspondem à dimensão mitológica da história, ou seja, as construções narrativas e simbólicas que uma cultura usa para organizar e recordar seu passado.

Períodos Históricos e Formas de Significado

Período Pré-Dinástico e Antigo Império. O autor explora o surgimento da história em palavras e imagens na cultura Naqada. A Paleta de Narmer é apresentada como uma "mensagem" crucial, simbolizando a unificação do Egito e a imposição de uma ordem

territorial sobre um sistema policêntrico. A celebração da força é evidente nos nomes dos primeiros reis e nas representações visuais. A memória coletiva neste período é codificada em *anales* e listas de reis, como a Pedra de Palermo, que registravam eventos rituais e administrativos, transformando "mensagens" em "memórias". O desenvolvimento da cultura residencial, da escrita e da arte monumental (especialmente as pirâmides) é detalhado, mostrando como a escrita se tornou um atributo da realeza e uma ferramenta administrativa. As pirâmides são interpretadas não como meros modelos, mas como símbolos anicônicos que tornam o invisível visível e apontam para os céus, representando a "eternização" e a proeza organizacional do estado.

Primeiro Período Intermediário. É retratado como um período de "caos" após o colapso do Antigo Império, marcado pela interrupção da construção monumental e divergências estilísticas entre norte e sul. As inscrições biográficas dos nomarcas se tornam as principais "mensagens", comunicando uma nova semântica coletiva. Elas enfatizam a iniciativa pessoal e a capacidade de superação em tempos difíceis, preenchendo a ausência da autoridade real motivadora. A literatura de lamentação (como as *Admoestações de Ipuwer*) emerge, descrevendo um mundo em desordem e servindo como uma forma de autorreflexão e catarse cultural. O Próximo Reino utilizaria essa imagem do caos como um contraponto ficcional para legitimar sua própria restauração da ordem.

Médio Império

O período é caracterizado pela recentralização e restauração do estado. A justiça conectiva (*ma'at*) torna-se um conceito central, ligando as ações individuais às consequências e promovendo a solidariedade e a memória mútua. A teoria do coração ganha proeminência, com o serviço ao rei e a lealdade sendo impulsionados por uma vontade interna. A literatura, especialmente as Instruções, é disseminada nas escolas para inculcar valores de lealdade, autossacrifício e vida correta, funcionando como uma forma de "propaganda" e autoiluminação cultural. O Juízo dos Mortos adquire um significado moral crucial, modelado em tribunais terrestres, e a vida na terra é vivida com a consciência da prestação de contas póstuma. A obra *A Disputa de um Homem com sua Alma (Ba)* explora profundamente a crise existencial e a busca por significado em um mundo em desintegração, testando os valores da justiça conectiva e da solidão. O rei é visto como um teocrata representativo, um filho do deus criador Re, agindo em nome da totalidade dos ancestrais e mediando o contato com o divino.

Novo Império

Marcado pela crise da visão de mundo politeísta, que culmina na revolução de Akhenaton, um experimento monoteísta que busca o divino na luz e no tempo. A religião de Akhenaton, porém, foi suprimida e sua memória encriptada devido ao trauma que causou na sociedade. Ocorre um desenvolvimento da piedade pessoal, onde o indivíduo busca uma relação direta com a divindade, muitas vezes por meio de festivais e oráculos. A teologia da vontade raméssida atribui o curso da história à volição divina, fazendo com que eventos históricos, como a Batalha de Qadesh, sejam interpretados como intervenções divinas e não apenas como rituais reais. A estrutura do passado é conscientemente alterada para legitimar o presente, com o Médio Império sendo elevado a um status "clássico". Há um renascimento cultural e o surgimento de novas formas literárias, incluindo as carnavalescas, que expressam tensões sociais e humor popular.

Teocracia, Poliarchia, Arcaísmo (Terceiro Período Intermediário)

É uma era de divisão política, com o surgimento da teocracia direta em Tebas, onde o deus Amun reina diretamente via oráculo, e um modelo de poliarchia com múltiplos governantes. A Estela da Vitória de Piye é um documento central, que narra a campanha do rei kushita para reunificar o Egito, enfatizando sua piedade e legitimidade divina. Essa estela é notável por sua qualidade literária excepcional e o uso de recusos conscientes às grandes tradições da literatura egípcia. O período é marcado por um intenso arcaísmo e renascimento (*Saite Renaissance*), com um retorno consciente a modelos artísticos e linguísticos do Antigo e Médio Impérios, revelando uma profunda consciência histórica e uma "descoberta e invenção do passado". A Teologia Memfita é um exemplo-chave, reescrita para glorificar Mênfis como capital e como local primordial da criação e da realeza.

Egito sob Persas e Gregos (Período Greco-Romano)

A obra detalha a adaptação e resistência egípcia ao domínio estrangeiro. Os persas buscaram governar em colaboração com a elite egípcia e respeitar suas tradições religiosas. O deuteronomismo e o messianismo se tornam respostas proeminentes a desastres e opressão, com textos como a *Crônica Demótica* e o *Oráculo do Cântero* prevendo o advento de um rei salvador. A construção cultural da alteridade é explorada, com a demonização de Seth como um conquistador asiático e a formulação de mitos de

êxodo que ligam estrangeiros (como os judeus) à impureza e à iconoclastia, refletindo um trauma cultural. Os mistérios osirianos são transformados para simbolizar a reconstituição da unidade do Egito a partir de suas 42 partes (nomos), enfatizando a coesão nacional em face da desintegração. A sacerdócio emerge como um modo de vida exclusivo, e a escrita hieroglífica, em sua forma criptográfica e estetizada, se torna um meio de preservar e manifestar o conhecimento sagrado e de distinguir a elite.

The Mind of Egypt de Jan Assmann é uma exploração de como os egípcios antigos produziram e transformaram significado ao longo de sua longa história. Ao analisar "vestígios, mensagens e memórias", Assmann propõe lermos a dinâmica interna da civilização egípcia, mostrando como ela enfrentou crises, adaptou-se a novas realidades e perpetuou uma identidade cultural única através de suas concepções de ordem, justiça, realeza e o divino. A obra não busca apenas resumir o passado, mas sim restabelecer a cultura egípcia como parte integrante da nossa própria memória cultural, indo além do interesse antiquário.